



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**YARA VAZ**

**(depoimento)**

**2003**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-57

**Entrevistado:** Yara Vaz

**Nascimento:** 20/10/1917

**Local da entrevista:** Escola Rítmica Yara Vaz – Rio de Janeiro/RJ

**Entrevistadores:** Juliana Santos Costa

**Data da entrevista:** 10/06/2003

**Transcrição:** Juliana Santos Costa

**Copidesque:** Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Silvana Vilodre Goellner

**Fitas:** Não há

**Total de gravação:** 80 minutos

**Páginas Digitadas:** 27

**Catálogo:** Vera Maria Sperangio Rangel

**Número de registro:** 0912/2004/01

**Nº da fita:** Não há

**Observações:** Entrevista realizada por Juliana Santos Costa durante a elaboração de sua dissertação de mestrado intitulada “Vozes de mulheres na Escola Nacional de Educação Física e Desportos de 1939 a 1949: ecoando o passado”, defendida em 2004 junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Universidade Gama Filho-RJ. Cedeu cópia da entrevista ao CEME em maio de 2004.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

VAZ, Yara. *Yara Vaz (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2004.

## **Sumário**

Dedicação da entrevistada à ginástica; primeiro programa de ginástica na televisão brasileira; relato acerca de sua graduação em educação física; memórias de sua infância e o envolvimento com a ginástica; visibilidade atingida através do seu programa de televisão; apoio da família; considerações sobre a postura corporal e o movimento humano; reflexões em relação a mulher e a sociedade; opiniões sobre a educação física e a ginástica atualmente; a escola de educação física de sua época.

J.C. - Qual seu envolvimento atual com a Educação Física? Ainda trabalha?

Y.V. - Trabalho. Minha escola vai fazer, no dia 7 de julho, trinta anos nesse prédio e vinte e quatro no outro, foi quando comecei nessa sede própria. Mas em 1º de maio de 1947 inaugurei a escola e, desde este tempo, estou trabalhando sem solução de continuidade. Para ser precisa, durante dois meses interrompi - em 51- quando fui com a Escola de Educação Física à América. Fomos fazer demonstração em vinte e sete universidades americanas. Eu já estava formada, mas, a convite da Escola Nacional de educação Física e Desportos, fiz parte de um grupo chefiado pela Helenita Pasb de Sá Erp, diretora da parte de dança. Depois interrompi agora, em 93, quando dando uma aula aqui dois meses após ter perdido meu marido, meu companheiro de cinquenta e cinco anos eu tive uma fratura. Então interrompi, estava com 76 anos, interrompi por dois meses, mas logo depois voltei a trabalhar e continuo trabalhando até hoje.

J.C. - Dando aula de ginástica?

Y.V. - Dando aula de Educação Física, de ginástica.

J.C. - Então, esse tempo que a senhora ficou fora foi muito curto mesmo.

Y.V. - Em cinquenta e quatro anos, foram quatro meses ao todo. Fora disso nunca tirei férias ou coisa nenhuma, estou sempre presente aqui.

J.C. - A senhora gosta mesmo, sente prazer...

Y.V. - Eu gosto, brinco sempre que tenho a única profissão na qual posso continuar a trabalhar com gosto e ser honesta, porque gosto do meu trabalho, vendo bem a Educação Física, porque acredito na Educação Física e realmente adoro meu trabalho. Quando era jovem, no ginásio, o que eu queria era ser professora de matemática. Naquele tempo professores de matemática eram sempre engenheiros, não é como agora que tem o curso de matemática. Então, minha idéia era me formar em engenharia para ser professora de matemática. Por uma série de coincidências e circunstâncias da vida que não dependeram de minha vontade, só recebi o diploma de ginásio de um colégio do governo. É muito

interessante isso. Paulo de Frontin, era um colégio profissional e comercial. Naquele tempo, o comum era um chefe de família, não tendo muito recurso, como o caso de meu pai, funcionário público conceder ao filho homem a maior dispensa. Meu irmão, único filho homem no meio de três mulheres, estudou no Lafayette, e nós mulheres, ficamos no colégio mais próximo de casa que era o Paulo de Frontin. No final do ano, vi que aquele diploma não me permitia ir para a profissão que eu queria. Então resolvi ir para o Pedro II. Nesse tempo, a diretora desse ginásio, o Paulo de Frontin era Andréia Borges Costas. Ela era amiga do Anísio Teixeira, e ele viu que nosso currículo era igual ao ginásio faltava apenas a matéria “francês”, então ele disse: “Vou fazer essa escola virar ginásio”, e ela disse para mim: “Você pode continuar aqui, no outro ano, você estará no 2º ano e então todas as turmas terão que fazer francês, fazer dois anos em um ano só”. Fiquei contente. Quando terminou pediu que passasse lá depois de alguns dias para pegar o diploma, pois há uma formalidade no diploma. Essa formalidade foi de cinco anos, porque nesse meio termo houve uma revolução comunista, Anísio Teixeira era considerado comunista e tudo mais e tinha faltado uma assinatura. Então, por causa disso a minha vida levou uma lombada por completo. Nesse meio tempo seria impossível voltar ao ginásio, fazer tudo outra vez. Então, entrei para a Educação Física.

J.C. - Mas não precisava ter essa formação?

Y.V. - Não precisava. Logo depois apresentei essa formação, mas não precisava. Bom... Precisava, mas aí já estava solucionado. Apresentar o diploma de ginásio precisava, mas cinco anos depois já tinha esse diploma. Eu é que não tinha mais estrutura. Nesse meio tempo, já tinha conhecido meu companheiro, que depois foi meu marido, não estava mais interessada em estudar em escola e fiz o curso. Então brinco sempre: eu gostava da matemática que para mim é a ginástica do espírito, mas entrei para a Educação Física que é a matemática do corpo. Porque hoje em dia fala-se, isso é interessante para você, fala-se em ginástica localizada, para quem conhece a Educação Física, que é o seu caso, isso é um pleonasma, é uma bobagem. A ginástica é uma atividade artificial que você faz com determinado objetivo. Você pode fazer uma ginástica preparatória para o vôlei, para o basquete, para a natação para o arremesso de dardo. Você escolhe movimentos que preparem as alavancas para a boa eficiência desse esporte e a ginástica que você faz com o objetivo de acertar a estrutura do corpo. Se você tem uma cifose, vai fazer ginástica para

aquele determinado grupamento muscular; se está com abdome flácido, vai fazer ginástica para os abdominais. Então ginástica é uma atividade localizada. Portanto para mim, dizer ginástica localizada é uma tolice. Se quero endurecer o braço, não vou mexer o pé, é o braço que tenho que fortalecer. Agora a Educação Física, a dança visa outras coisas: coordenação motora, a parte cardiovascular, mas a ginástica com o objetivo de corrigir tem que ser localizada. Então eu digo que a ginástica é a matemática do corpo. Você procura colocar no corpo alavancas tais que, com poucos movimentos, você efetua o trabalho necessário. Por falar nisso, conto até uma passagem: a minha escola com grande movimento, eu tinha o Paulo Monte que tinha um programa muito interessante, de turismo, na TV Rio, e as filhas dele eram minhas alunas. Uma delas é Marisa Monte, que é cantora hoje em dia, não sei quem é, me perguntou: “Yara, você quer fazer um programa comigo na Tupi? Eu disse: “Está certo”. Já tinha feito programa de ginástica, o primeiro programa de ginástica do Brasil. Isso digo com absoluta firmeza: foi meu, porque a televisão no Brasil começou exatamente em 50, 51 e nesse tempo eu fui chamada e fiz um programa de três meses na tal da Tupi. Bom, aí eu disse: “Está certo”. E Paulo disse: ”Vamos fazer um programa meio brincado?”, disse que não gostava de brincar em trabalho, mas ia. Ele marcou, nesse tempo era na Urca a televisão. “Bom, eu chego lá e você diz o que é”. “Está certo”. Achei muito gozado. Cheguei lá antes da hora e estavam várias pessoas treinando anúncios. Acho muita graça, porque hoje você vê qualquer pessoa, crianças ou pessoas de níveis sociais e culturais diferentes enfrentar um microfone uma câmera de televisão e falar à vontade. Naquele tempo a televisão estava começando, era uma coisa engraçada, e quando cheguei lá estava vendo, era anúncio de geladeira, e a dona falava: “geladeira frígider” e o homem vinha e corrigia. Estava me divertindo com os ensaios com a impostação da voz, achando graça naquilo, porque eu tenho facilidade de falar, para mim não vai precisar coisa nenhuma. Fiquei sentada esperando Paulo Monte chegar. Paulo Monte foi chegando a câmera estava focalizando ele entrou assim, rápido, sempre focalizado de costas, chegou perto de mim e disse: “Yara, você vem me falar que a ginástica não é necessidade. Olha, saí de casa às seis horas da manhã, já fui para Niterói, trabalhei, trabalhei, você acha que eu tenho que fazer ginástica?”. Eu, que já sabia mais ou menos o que ele queria, tinha pedido um quadro-negro, e disse: “Paulo vou mostrar a você que precisa fazer ginástica”. “Yara já trabalho o tempo todo”. “Mas vai ver que precisa”. Me dirigi ao quadro negro com um giz na mão. Quando fui chegando perto do quadro negro, deixei o giz cair de propósito. Ele se abaixou prontamente e pegou o giz, eu disse:

“Obrigada e desculpa”. Fui escrever e deixei o giz cair outra vez como se estivesse nervosa ou outra coisa. Ele se abaixou e pegou o giz outra vez. “Me desculpa, Paulo, vou mostrar aqui no quadro negro que você realmente precisa fazer ginástica”. Deixei cair outra vez. Na hora que ele está se abaixado para pegar o giz no chão, virei-me para câmera e disse: “Por favor, focalizem o meu amigo Paulo Monte. Observem o que ele está fazendo: a perna aberta no sentido de aumentar a base de sustentação, a mão esquerda apoiada no joelho esquerdo para diminuir o trabalhados dos músculos que estão sendo projetados para frente pela falta de equilíbrio, projetando a espalda direita para não precisar flexionar muito as pernas e apanhando o giz [a entrevista demonstra o movimento] tudo isso para fazer a gentileza de pegar o giz no chão para dar para mim”. No quadro-negro estava escrito máximo de esforço com mínimo de rendimento, máximo de rendimento mínimo de esforço. Aí disse: “Paulo, quando a pessoa se movimenta livremente na rua ela procura alcançar o máximo de rendimento com o mínimo de esforço, é o que você está fazendo agora para pegar o giz no chão. Analisei cinesiologicamente sua atitude. Quando você está em esporte para lançar um dardo ou um peso ou para pular, você procura um maior concurso possível de músculos para pegar uma grande quantidade de movimento, porque o que está se visando é o resultado final”. Por essa razão, é interessante que fique gravado, o esporte teve enfim uma melhoria extraordinária, o rendimento atualmente em qualquer esporte, em qualquer prova de atletismo é muito maior porque a fotografia, a filmagem em câmera lenta vem mostrar, Juliana, que você não aproveitou todo seu impulso, ainda tinha projeção da espalda para lançar, quer dizer, a máquina fotográfica fez com que houvesse uma melhoria grande nisso. Fora o material. Por exemplo: hoje, para pular o salto em altura, o salto de vara, o material da vara é outro, aqueles colchões de ar que você cai do outro lado, tudo isso, se você pegar em uma Olimpíada, você vê que tudo melhorou de uma maneira tremenda. Aí eu disse: “Essa é a movimentação que você faz na vida livre e espontaneamente. Você quer pegar o objeto, fica na ponta do pé e se projeta. Quer pegar no chão, faz o que você fez. Se quiser subir uma escada você joga o corpo para frente. Agora, meu amigo, estou mostrando que você precisa fazer ginástica”. Então peguei o Paulo, encostei numa parede e mandei ele levantar os braços. Como a maioria dos homens, trabalhando mais os flexores, não esticava os braços para alcançar a parede. Então eu disse: “Pode abaixar o braço. Agora você vai encostar na parede e ir até embaixo, fazer uma flexão completa”. Ele caiu para frente. “Não, você vai aqui, porque de encontro com o plano vertical o peso do seu corpo está todo concentrado no esforço grande que vai ser

preciso nos músculos para botar você outra vez em pé”. Se estou livre faço esse movimento um monte de vezes. Com o corpo reto, não faço muitas vezes, porque aí você está visando o máximo de esforço e o mínimo de rendimento, você quer o trabalho do músculo. Então, por isso, no meu ponto de vista, você não precisa fazer o exercício dez, vinte, cinquenta, oitenta vezes. Vejo fotografias de todo jeito, abdominais, bota a mão no ombro, joga o ombro para frente e está vindo de qualquer jeito, porque o trabalho do abdominal está muito diminuído pelo impulso da projeção da cabeça, da espádua e tudo mais. Mas se você bota o corpo em posição correta, ninguém vai fazer cem, duzentas, trezentas mil vezes de jeito algum. Quer dizer, o princípio da ginástica, na ginástica você tem o máximo possível com movimento de compensação e localizado na musculatura que você quer trabalhar.

J.C. - É verdade...

Y.V. - É uma explicação mais ou menos que estou dando baseada no que você pediu. O que quero dizer é o seguinte: gosto da minha profissão, o meu trabalho eu faço porque acredito na Educação Física, continuo fazendo e espero continuar assim enquanto estiver aqui nesse andar.

J.C. - Mas e aí ficou gravado, filmado, deve ter sido engraçado. Ficou uma coisa superespontânea.

Y.V. - Ficou uma coisa engraçadíssima, porque a essa altura todos os camaradas da televisão tinham vindo ver o Paulo vermelho. “Não disse que você precisa fazer ginástica? Está com a musculatura fraca, não está conseguindo vir embaixo nenhuma vez”. E brinquei quando acabou: “Você disse que ia brincar comigo e eu brinquei com você”. Essa passagem na televisão foi muito curiosa, como foi curiosa também outra. Trabalhava com as crianças deficientes do Benjamim Constant. Na TV, já era TV Rio, dei uma festa grande. Minha escola, em 1951, 52, teve muito movimento mesmo a dança folclórica. Eu já estava trabalhando lá no Benjamim Constant, e eles me ofereceram fazer um número de dança. Depois ofereceram para levar as crianças cegas. Foi curioso que pedi emprestado às alunas minhas que me cedessem as fantasias para as meninas cegas do Benjamim Constant, que não tinham recurso para fazer a roupa. Era uma dança mexicana, Zandunga, muito



bonita, tinha saias rodadas e na cabeça um jarro de flores. Levei as meninas cegas e, num determinado ponto, flexionavam, pegavam o jarro de flores, colocavam no chão e davam uma volta no vaso sem esbarrar e pegavam e colocavam na cabeça. Quando estava sendo gravado isso, todos olhando, olhando, estavam com lágrimas nos olhos. Quando terminou ficou uma coisa muito curiosa, acho que o brasileiro é extraordinário e alguém disse: “Dona Yara, se a senhora quiser, nós fazemos uma vaquinha para comprar as sapatilhas para elas”. E eu expliquei: “Não meu amigo, o caso não é esse. Elas não estão de sapatilha porque essa dança é descalça mesmo”. São passagens curiosas que achei na televisão, emocionantes e esse programa foi levado em uma ocasião que havia um grande tumulto, aquela história de Jânio Quadros.

J.C. - Está ótimo você está enriquecendo muito... E como surgiu seu interesse em fazer o curso, a Escola?

Y.V. - Já disse a você: terminei o ginásio e fiquei cinco anos sem receber o diploma. Recebi o diploma e já estava casada, com o meu companheiro durante três anos. Hoje em dia diz assim: “Ficar, ficar”. Se ficar três vezes ao dia não é novidade nenhuma. Naquele tempo não era assim, era um escândalo fazer o que fiz. Vi o homem que achei que seria o meu companheiro, mas fiz questão que ele entendesse como era e não quis casar. Quando entrei para a Escola de Educação Física, vivia com ele e fiz questão. Na Escola é seu marido, para mim é meu marido para vocês é meu companheiro. E quando foi no segundo ano da Escola, saímos de uma prova de cinesiologia eu disse: “Hoje vou passar o recibo”. Quer dizer, casei três anos depois que estava convivendo com ele. Naquele tempo colegas viravam o rosto, era um escândalo medonho, mas eu sabia o que estava fazendo, fazia questão que ele conhecesse meu ponto de vista. Tem uma passagem curiosa: nesse tempo que estava fazendo o curso de Educação Física, estávamos em guerra. A dificuldade de transporte era enorme. A Escola de Educação Física, funcionava: a parte prática no clube Fluminense e a parte teórica no Surdos e Mudos. Vinha do Leblon, morava na Delfim Moreira, saltava com dificuldade do ônibus, em Botafogo, tinha que atravessar a rua Farani, e às 7 horas da manhã tinha que se estar de pé, diante da bandeira cantando o “Ouviram do Ipiranga”.

J.C. - Todos os dias?

Y.V. - Todos os dias. E se chegasse 5 minutos atrasada não entrava, era época do regime militar. Nesse tempo, Tônia Carreiro, amiga minha, também estava fazendo o curso. Falei ao meu marido: “Olha, para chegar à Escola, se alguém oferecer condução, não quero saber, eu aceito”. Fazia questão que ele entendesse, confiando em mim, tem que confiar, quem conviver comigo, pode dizer: Yara, você esqueceu de contar”. Posso esquecer de contar, deliberadamente eu não faço. Esqueci de falar com a Juliana, dizer que fui cantora de ópera. Então um dos pontos meus era esse. Eu não queria saber, pegava na rua Farani, entrava no carro para chegar lá, no lugar exato, porque a dificuldade de condução, você não sabe, não tinha nascido, era uma coisa séria. E tem até uma outra passagem curiosa também, interessante: em criança, escutava todo mundo dizendo: “Estou com frio, estou com frio”. Minha mãe ficava indignada: “Vai para a escola parece que somos ainda mais pobres do que já éramos sem agasalho”, mas eu não tinha frio. E me lembro que trabalhando no colégio - trabalhei oito anos - e na volta, de Botafogo para o Leblon, a condução era uma coisa tremenda. Tinha ficado jogando dupla de vôlei, adorava. Não tenho capacidade alguma para esporte coletivo, minha visão é muito localizada, mas dupla eu domino bem, sabia pegar as brechas, agora no time era uma coisa que me atrapalho. Tinha ficado jogando dupla um tempo imenso, saí ali do Juremo no inverno para pegar condução na praia de Botafogo para o Leblon, e passa tempo, passa tempo começa aquele vento da praia e vim a sentir um arrepio. Estava nesse tempo com vinte e três anos e disse: “Olha o que é o tal do frio”, que, francamente nunca tinha sentido. Hoje falei com uma aluna, que comigo acontece uma coisa engraçada: eu não tenho nem muito calor, nem muito frio. Sensação de frio, frio, não tenho; calor também nunca tive. Felizmente, nem os calores da menopausa eu tive.

J.C. - Mas por que a senhora procurou a Educação Física? A senhora já fazia atividade?

Y.V. - Então, antes...

J.C. - Lembro que a senhora praticava nas praias.

Y.V. - Eu observava, quando criança, a vida das mulheres: minha mãe, minha tia, mas aquela vida só definhada dentro de casa, aquele autoritarismo do homem e tudo mais e eu criança dizia: “Ah, comigo não vai ser assim não, a mim ninguém me vende”. Na minha

cabeça eu dizia: “Quero sair, eu quero viver”. Com doze anos, pesava 30 quilos, magra, magra de uma atividade e uma energia imensas. As crianças me chamavam de bacalhau de porta de venda. Se era corrida, eu ganhava, tinha uma energia enorme. Na minha cabeça tinha que dar um jeito nisso, mudar a minha figura. E como eu sei da minha cabeça, morava na Tijuca, uma casa com um terreno amplo, às 5 h da manhã ia para o quintal e fazia exercício. O fato é que no fim do ano, isso justamente de doze para treze anos, quando sai da escola pública para o ginásio, aumentei de peso de 30 para 47 quilos e mudei. Na minha cabeça, fiz a imagem de como eu queria e como eu consegui, corpo desenvolvido, perna dura e tudo mais. Quer dizer, mentalmente modelei o corpo como eu desejava. De modo que, quando fui para a escola de Educação Física, ia com uma base boa de matemática e de física, que eram as matérias de que mais gostava. Juntando com minha experiência prática de localizar o que eu queria no corpo, fui ótima aluna de cinesiologia, análise dos movimentos do corpo. Tem um trabalho meu publicado na Revista Educação Física, do Exército, que hoje, com a idade que estou, não tenho capacidade de ler, porque já esqueci aqueles princípios, aquelas análises matemáticas que fiz, porque, é claro, seria uma mentira dizer com a minha movimentação hoje em relação com a movimentação que eu tinha. Talvez 0,00 por cento e também do ponto de vista mental. Brinquei até no programa do Jô Soares, “Eu não tenho ainda sarda no cérebro”. Isso é maneira de dizer, porque realmente até a função mental o raciocínio rápido vai mudando. Envelhecer, se a pessoa não tiver capacidade de procurar compensações e tudo mais é duro, envelhecer realmente, você tem se conformar. Eu hoje brinco, hoje em dia as coisas mais simples quase viram atividades radicais. Tudo se torna mais difícil.

J.C. - Estou entendendo.

Y.V. - Tem que estar preparada e se conformar. Achei muita graça, que hoje aqui na escola às 5, vai ter aula de capoeira. Vi pela primeira vez aula de capoeira e achei linda, a movimentação do rapaz, muito bonito. Estava comentando com uma professora aqui da escola e ela disse: “Ah, dona Yara, a senhora podia aproveitar e fazer”. Eu disse: “Minha filha, vai me desculpar, mas isso é uma verdadeira tolice. Era preciso que eu não tivesse capacidade de análise, hoje em dia com 86 anos eu não vou aprender capoeira, só se quiser me estatelar no chão”. Você tem que ter a capacidade de fazer o balanço do que você pode fazer. Hoje posso dar aula, sei falar bem, sei explicar e tudo mais, posso comandar e

comandar com entusiasmo, mas não posso executar com limpeza todos os exercícios, seria mentira. Articulações vão sofrendo um desgaste além do atrito natural, a ação da gravidade. Minha estrutura óssea está ótima, minha coluna está perfeita, as pernas, mas o desgaste das articulações é claro que existe. Tenho uma artrose no joelho esquerdo, operei o menisco, arrebentei o menisco com dezessete anos e operei quando tinha vinte e sete. Depois essa fratura na mesma perna do lado direito, do mesmo lado que operei o menisco. Então a sobrecarga maior ficou em cima da perna esquerda. Essa perna esquerda hoje tem uma artrose no joelho esquerdo que me dificulta o trabalho. O equilíbrio não é a mesma coisa, eu me equilibrava de qualquer modo na ponta do pé, no alto de uma pedra tirando fotografias. Hoje não vou fazer isso.

J.C. - Tem que saber lidar com essas dificuldades naturais que acontecem.

Y.V. - É tem que saber. Mas, em compensação, você também ganha em outros, você ganha em uns e perde em outros. O que mais você quer?

J.C. - Pelo que estou vendo, a senhora foi protagonista, uma das primeiras, em dois momentos...

Y.V. - Não tenho a menor dúvida. Do ponto de vista, até do modo de agir e tudo mais e também pela Educação Física. Aquela tal história eu faço e pratico desde os meus doze anos, vou fazer esse ano 86. E a escola como disse, o tempo todo está funcionando, está entendendo? Tanto que eu, até muito de certo modo surpresa, vi que quando eles fizeram esse Dicionário das Mulheres, eu faço parte. Só isso já é incrível. Há mulheres aí extraordinárias, em recordes disso, recordes daquilo. Em atletismo eu nunca competi em nada. Não pertencia a clube algum, não fiz nada de extraordinário. Há mulheres que atravessavam o canal da Mancha, eu nadava muito, mas nadava do Leblon ao Arpoador, nunca competi em nada e, no entanto, estou no Dicionário das Mulheres pela persistência, pelo exemplo. No tempo que fiz a TV Educativa, foi em 77, eles vieram aqui 97 - não 77 - eles vieram aqui me convidar para um programa de três meses. Fiquei sete anos e três meses. Foi um programa que teve uma repercussão imensa, e naquele tempo o número de televisões não era como hoje. Hoje todo mundo tem televisão, naquele tempo não era assim e mesmo assim eu tenho um monte de cartas do Brasil inteiro.

J.C. - As pessoas deviam se reunir para ver...

Y.V. - Todo mundo queria ver, vinha gente de fora, vinha gente de São Paulo, tomava um avião vinha aqui falar comigo para eu fazer uma observação, qual o tipo de exercício que deveria fazer, e ia embora. Pessoas passavam pelo aeroporto e perguntavam se tinha vídeo. É até uma coisa que meu filho se aborreceu, porque eu nunca quis fazer um vídeo, para fazer tinha que ser uma coisa direita e não quis, nunca quis.

J.C. - Seria uma grande contribuição...

Y.V. - O número de cartas que tenho é enorme. Tenho ainda gravado várias aulas da televisão. Respondia cartas do Brasil inteiro. Foram sete anos e três meses com programa diário na televisão. Houve um tempo em que a TV Educativa tinha ordem do governo, todas as emissoras eram obrigadas a dar um certo número de programas educativos, e as outras emissoras a Tupi, não era mais Tupi era TV Rio, a Globo escolhiam o meu programa. Houve um ano que eu ficava por semana umas doze horas de televisão no ar.

J.C. - Que interessante.

Y.V. - E em horários diferentes, de modo que era um programa muito visto.

J.C. - Muito visto principalmente pelas mulheres.

Y.V. - E até hoje, parece incrível, parei em 84, olha quanto tempo, dezenove anos, ainda muita gente pergunta porque parou.

J.C. - E as cartas eram mais de mulheres ou tinha de homem também?

Y.V. - Tinha muita carta de homem também, mulheres e homens. Tenho lá em cima uma quantidade enorme. Quando parou teve um movimento enorme por que parou, por que parou? Parou porque veio de São Paulo para dirigir a TV Educativa a Nilcéia. Era o nome dela, era mulher daquele... Daqui a pouco eu me lembro o nome. Ela dirigia TV Cultura de São Paulo e foi chamada para cá e me mandou chamar em casa, era até época de carnaval.

“A TV Educativa está com a programação muito fraca, um dos poucos programas é o seu, mas eu não entendo nada de Educação Física”, ela dizendo, “mas eu tenho umas sugestões a fazer”. Eu disse: “Por gentileza” e ela começou. Primeiro: não queria que eu desse aula vestida como eu me vestia. Eu disse a ela: “Esse tipo de roupa que estou usando está tendo uma repercussão enorme, porque é uma roupa que mostra o meu corpo, mostra que a cara estava com 60 anos, mostra minha cara já com a marca do tempo, mas o corpo firme, deixa o trabalho dos músculos, uma roupa bonita, um collant. Como é que quer que me vista? “Quero assim, calça comprida e macacão, como de roupa de rua”. Eu disse: “Olha, vamos entrar em choque, porque para mim o professor, quando entra em sala de aula, tem que estar preparado mental e fisicamente para aula. Na minha escola não permito, roupa de rua, chegou de aula, não”. “Outra coisa: não quero que dê aula com essas músicas que você dá”. Eu usava Paulo Lumiar, Ray Conniff, várias, escolhia com cuidado. Havia pessoas que diziam: “Yara, a hora que você dá aula eu não posso mais fazer porque eu já estou preparada para sair, mas gosto de escutar as músicas, essas músicas que a gente chama inesquecíveis, vale a pena escutar de novo”. Era bonito, sempre tentando harmonizar o movimento com o ritmo e com a melodia da música, aquela batida única [nesse momento a professora exemplificou as batidas com as mãos emitindo som] , uma verdadeira martelada, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 aí eu disse: “O que quer que eu use?”. Músicas nacionais, tendo letra, conseguir arranjar é difícil. Tendo letra não, está cantando em inglês eu não estou sabendo o que está dizendo. Agora em português, as letras de agora, por exemplo, são até escandalosas, quer dizer eu não posso ficar atirei o pau no gato o tempo inteiro. Eu disse: “É meio difícil escutar sua observação. E a terceira?”. “A terceira é que eu quero que você dê aula para criança”. “Aula para criança acontece uma coisa: essa hora que a TV Educativa coloca o programa no ar, 8 horas, de um modo geral, ou a mãe está dormindo ou saiu para rua para levar a cadelinha para andar ou está numa academia. A criança está em casa comendo ou dormindo ou vendo desenho ou sozinha, entra no meio de uma sala, pisa num tapete, vai fazer uma ginástica por conta de quem está falando? Não dá, tipo de trabalho que não dá”. Aí insistiu, ela trouxe umas crianças, eu dei umas aulas, tinha que mudar o tipo de roupa, mudar o tipo da movimentação, eu disse: “Bom, vão pensar que eu levei um choque na cabeça e fiquei debilitada”, eu mesma fiquei interessada em sair. Foi de 77 a 84.

J.C. - Deve ter sido uma perda grande da televisão, para as mulheres.

Y.V. - Ah, foi. Tenho cartas e cartas aqui, pessoas que escreviam coisas curiosas, muitas domésticas diziam, minha patroa me permite fazer a ginástica cedo em casa. Uma vez estava na Visconde de Pirajá ia passando um chofer e fez uma mímica para mim. Queriam saber se era eu. Fiz movimento de ginástica, “sou eu mesma”. Também tinha aqui uma massagista, e ela contou que chegou em São Paulo e ia pegar o táxi e o motorista perguntou para onde ela ia. Isso eram sete e tanta da manhã. Ela deu o endereço e ele disse: “Então vamos depressa, porque às 8 horas eu tenho que fazer a ginástica da tal da Yara Vaz”. Ela disse: “Eu trabalho com a tal da Yara Vaz”. Era muito, mas muito visto mesmo.

J.C. - E era bom que levava saúde para as pessoas

Y.V. - Mas é claro. Até fiz um artigo, esse fiz para o Gilson Amado, que estava na televisão elogiando. Pedi para a TV Educativa não interromper o meu programa com anúncio de nada, a meia hora de aula era de aula. Chamei a atenção dele: esse programa poderia, com algumas modificações que eu fizesse, ser levado para asilos, para sanatórios, quer dizer, o dinheiro que vocês estão gastando aqui vão economizar, porque o número de pessoas aqui encostadas e que teria evitado esse afastamento do trabalho pela Educação Física. Quantas vezes o camarada está no auge da profissão ou é um problema ortopédico ou de cordas vocais, milhões de coisas, seria uma coisa extraordinária um dinheiro gasto com a Educação Física, economia. Eu tenho esse artigo escrito, parece coisa escrita para agora, até agora poderia ser aplicado. Você está vendo na televisão, no fim do dia peneirar o que tem de utilidade na programação é mínima de certo modo, umas perguntas, uma bobagem. De utilidade, ainda hoje eu me referia a uma aluna sobre isso. Aqui no Rio, eu tinha um sítio com uma vizinha com uma criança muito doente. Coloquei o termômetro na criança, estava com 40 graus. Ela nunca tinha colocado um termômetro, não sabia ler um termômetro. Mas se perguntasse qual era a última cantora, era capaz de saber, porque a televisão ensina muito.

J.C. - Coisas mais instrutivas.

Y.V. - Você vê que é só tolice, só bobagem.

J.C. - Coisas supérfluas. É muito ruim, porque as pessoas vão se envolvendo e não raciocinam.

Y.V. - Aquela história, o poder da propaganda é de tal ordem, uma coisa triste. Você vê programas e programas, não posso nem falar, não sei se você vai dizer, o Big Brother, uma bobagem dessas.

J.C. - O que isso ajuda no conhecimento das pessoas?

Y.V. - É um investimento, dinheiro, dinheiro. O que é? Nada

J.C. - Eu concordo, não leva a nada. Mas vamos voltar um pouquinho. Você foi pioneira também no casamento moderno. Ficou junto por três anos para se decidir se estava certa ou não.

Y.V. - É claro, para ele me conhecer.

J.C. - O objetivo era esse mesmo?

Y.V. - Eu acho até muita graça, é meio estranho. São cinquenta e cinco anos de casada, amanhã meu marido faria oitenta e nove anos, esse ano vai fazer dez anos que ele está morto. Mas esse tempo todo fui mulher de um marido só, que é um negócio meio esquisito, sou mulher de um filho só, estou dizendo e desejo terminar com uma nora só também. E também tenho uma neta só.

J.C. - E aí eu queria saber do ponto da sua família, como sua família reagiu, quando teve essa atitude?

Y.V. - Mas isso foi uma tristeza, não é? Porque meus pais...

J.C. - Eles viviam juntos, seus pais?

Y.V. - Claro, claro. Meu pai e minha mãe, para eles...



J.C. - Eles não apoiaram?

Y.V. - De maneira alguma, uma tristeza muito grande. Primeiro, na questão da Educação Física. Minha mãe, quando eu começava a ficar no quintal às 5 horas da manhã, aquela história toda, mamãe ficava apavorada.

J.C. - Antes de entrar no curso ou depois?

Y.V. - Antes, quando eu tinha doze anos.

J.C. - Ela não apoiava muito essa ginástica.

Y.V. - Não, ela achava que ia me resfriar, sempre reagiu. Também gostava de pouca roupa, sempre fui de pouca roupa. Era outro motivo também de luta.

J.C. - Mas isso não te desanimou?

Y.V. - Não me desanimou, e até, como digo sempre, a luta em casa para a conquista de uma idéia, de um terreno, prepara você para a luta que depois você vai ter. Também, na base dos dezessete anos, resolvi mudar minha alimentação. Queria comer só frutas, ervas, raízes. Mamãe ficava preocupada, vai ficar tuberculosa, vai isso, vai aquilo. Mas essas lutas em casa preparam você para o embate da rua. Na própria Escola de Educação Física, os professores e professoras, a turma toda, eu vivendo claramente com um homem, que, além do mais, ainda podia chocar mais, porque se dissesse é um magnata, é um não sei o que, não é um operário.

J.C. - Então chocava por dois lados, pelo poder aquisitivo que não era elevado.

Y.V. - Aquilo era um escândalo. Você pode ver pela fotografia, meu marido, está lá, jogando meu filho para cima, um homem lindo. O melhor português que bateu aqui de Portugal para cá foi ele. Homem muito bonito e bom, correto, decente. Um choque para a sociedade. E eu não escondia meu companheiro, meu companheiro.

J.C. - As mulheres rejeitavam mais que os homens?

Y.V. - Na época todo mundo estranhava, não gostavam da história.

J.C. - E em relação à Escola? O que seus pais falavam? “Não minha filha, não faça esse curso”. Ou: “Então vá, vá, faça”.

Y.V. - Não, aí eu já estava vivendo com o Frank.

J.C. - Eles não interferiram?

Y.V. - Não, não.

J.C. - E o que ele achou de você entrar em uma universidade?

Y.V. - Ele tinha uma admiração imensa por mim, ele me respeitava tremendamente, eu sei disso. E em 1974 essa escola estava aqui, há um ano, ele foi pela primeira vez em Portugal. Tenho de lá as cartas que ele me escrevia em verso. Tinha realmente por mim um respeito, uma admiração enorme, nunca interferiu em matéria de trabalho. Ele tinha ciúmes dos livros, tinha ciúmes até de minhas irmãs, de minhas amigas, nunca ciúmes em relação a outro homem, porque sabia que eu nunca tive dúvida em relação a isso.

J.C. - Isso é muito bonito. Hoje em dia é difícil ver um amor verdadeiro.

Y.V. - Tenho certeza. Como digo, algumas coisas, Juliana, não tenho um conceito religioso. Respeito a tudo e a todos, mas uma idéia de Deus isso eu não tenho. Agradecer, eu agradeço sempre. A saúde que tenho tido, que é realmente extraordinária, o amor que tive, porque você pode passar uma vida inteira e não colidir com aquele cheiro, pele.

J.C. - Como se fosse a cara metade.

Y.V. - Exato, eu tive essa sorte. Então isso não dependeu de mim foram circunstâncias, agradecer a isso e o filho que tenho, que é um camarada íntegro de caráter e tudo mais,

essas coisas eu sempre agradeço isso, entendeu? Também há uma tensão de cada um. O meu temperamento, não sou de guardar ressentimento de nada, se estou no seu consentimento, se tenho muita intimidade com você, muita amizade, se você tem um procedimento estranho comigo, fico com pena porque alguma coisa houve com a Juliana, ela não está bem, quer dizer, não tenho um rancor dos outros de ficar remoendo coisas passadas.

J.C. - Procura entender o que está acontecendo.

Y.V. - Felizmente, eu não tenho isso, é espontâneo, não estou fazendo esforço algum, de inveja dessas coisas que para mim são coisas que não existem. Os dez mandamentos fazem parte do dia-a-dia, não preciso ler para aprender.

J.C. - O objetivo em fazer o curso era para aumentar o conhecimento ou para ajudar na renda familiar?

Y.V. - É claro. Antes de entrar para a Escola eu já dava aula particular de natação. Nadava muito no mar, dava aula de natação. Já dava ginástica, muitos homens, que ficaram homens fortes foram garotos meus que já dava ginástica antes de entrar pra escola. Morava na Delfim Moreira, tinha vários alunos na praia, eu dava aula cedo. No Arpoador, antes de entrar para Escola mesmo, gosto de ser professora, gosto de ensinar, tenho jeito para isso, gosto de ensinar, gosto de ser professora.

J.C. - Nunca passou pela sua cabeça ser professora primária? Você pensou em ser professora de matemática, mas não deu certo.

Y.V. - Não deu certo. A minha idéia era ser professora de matemática, naturalmente de ginásio. Era a matéria que eu mais gostava mesmo. Mas também a vida colidiu comigo em uma série de circunstâncias. Ao terminar o ginásio, naquele tempo, você não sabe disso, a pessoa terminava o ginásio e fazia o exame direto para a faculdade que queria. Mas, na ocasião em que terminei o ginásio, que deu essa complicação toda, fizeram uma reforma, dois anos de complementar, chamava dois anos, antes da faculdade. Já peguei essa coisa. Aí entrei para o Pedro II, dependendo de apresentar o diploma do ginásio. Quando passei

do primeiro complementar para o segundo, o Pedro II disse: agora se você não apresentar, vai perder, porque aí vai estar na hora, a culpa vai ser nossa. Então elas me cortaram do segundo ano do complementar, só recebi muito tempo depois. Mas a minha idéia sempre era vir a trabalhar com a Educação Física.

J.C. - E nessa época existiam outros cursos superiores, era a medicina...

Y.V. - Tinha vestibular, era a medicina, tudo que tem hoje, não tem é computador, mas as outras coisas já tinham.

J.C. - Mas as mulheres costumavam freqüentar esses cursos?

Y.V. - Não muito.

J.C. - O número era reduzido. E eram de poder aquisitivo mais elevado?

Y.V. - Eram. No ginásio realmente o rendimento das mulheres, que a mulher amadurece à frente do homem, o rendimento da mulher ainda era bom, mas depois caía, casava e ia embora e não continuavam, muitas vezes cortando a vaga de um homem e tudo mais e depois elas abortavam, no meio do curso paravam. Do meu curso eram cento e tantos entre homens e mulheres, não me lembro a proporção, não vou dizer a quantidade.

J.C. - Não era divididinho?

Y.V. - Não era. Acho que tinha mais mulheres do que homens, mas não vou garantir isso. A Tônia Carreiro, por exemplo, formou-se, trabalhou muito pouco e logo desviou-se para cinema e teatro. Poucas colegas, do meu tempo não tem ninguém trabalhando. Isso há muito tempo, não tem ninguém.

J.C. - Mas elas saíam da área por causa da família, iam ter filhos, marido ou porque não tinha emprego mesmo?

Y.V. - Saíam por causa de filhos, do marido e porque não tinha emprego também, porque não gostavam. Até hoje estranho esse tipo de pessoa que faz uma faculdade e no meio do caminho passa para outra. Tem gente que faz duas ou três até saber o que quer. No meu caso não. Era Educação Física e Educação Física mesmo. Não poderia ser outra coisa senão isso que sou. Isso eu tenho absoluta certeza.

J.C. - É por isso que a senhora até hoje está na Educação Física?

Y.V. - Pois é, hoje eu tenho muito prazer.

J.C. - E agora sobre o curso, lembra-se de algumas disciplinas, das matérias?. Tem a cinesiologia que a senhora falou que mais se dedicava.

Y.V. - Claro que lembro. O curso de Educação Física tinha uma organização extraordinária. Sou capaz de ter até apostilas, o que pode ser interessante. Havia uma harmonia extraordinária entre as matérias teóricas e as práticas, Primeiro a apresentação era extraordinária. Os professores da prática todos muito bem uniformizados, os professores da parte teórica todos uniformizados. A postura dos professores era outra completamente diferente. Anos depois, quando voltei para fazer um curso de dança, já havia professor sentado na mesa, dando aula. No tempo que fiz, não. Os professores ficavam de pé, você também falava com um professor de pé. Não é assim desse modo como você vê hoje. Você vê hoje uma fotografia de um exame de vestibular, você não sabe o que é aquilo, se é uma cena de um prostíbulo ou o que é. Já vi estudante sentar com a perna no banco, mulher sentada de qualquer modo. Essa falta, que eu considero uma coisa de muito grave hoje em dia, não adianta se dar mais valor hoje a Educação Física. Dar-se mais valor a Educação Física, mas em compensação a censura social que havia antes para a postura não exista mais. Hoje você vê, eu posso sentar aqui com você, sentam moças ali com as pernas totalmente escancaradas. Você vê no cinema como assistem um cinema, a postura das pessoas, você nem vê mais isso. Nisso é que está uma contradição, não adianta, o Juliana, Educação Física alguma. Se você não tiver uma atitude postural correta de pé, sentada e deitada, não adianta nada, por quê? Porque a gravidade, desde que você nasce até o fim da sua vida, está jogando você para baixo. Se não tiver dentro de você uma força ascendente, de baixo para cima para contradizer a força da gravidade, a coluna cervical

enverga, a dorsal enverga, os joelhos afrouxam. Antigamente havia em casa, “tira o cotovelo da mesa, senta certo”, na escola a professora corrigia. Hoje em dia não corrige ninguém. Você está vendo aquela coisa curiosa, as pessoas para escrever, escrevem assim, já viu? Pegam no lápis assim [demonstrou um gesto], dobram a mão. Quer dizer, o dedo deve estar pronto para você poder ficar horas. Quando você faz assim [gesto de flexão de punho], o trabalho estático desse músculo você vê que a pessoa escreve e cansa. Eu posso escrever horas porque o lápis está solto, a mão está solta, hoje nem isso eles corrigem mais.

J.C. - Não têm essa preocupação.

Y.V. - Na escola não se corrige, na vida social não se corrige. Você vê a postura das pessoas, é uma coisa triste. Então não adianta nada. Você vê atletas formidáveis, está lá uma cifose, a cabeça para a frente. A cabeça tem que estar no meio dos ombros. Você vê pessoas chegar aqui só assim.

J.C. - Não adianta a pessoa passar uma hora dentro da academia fazendo o exercício certinho e vinte e três horas na posição incorreta.

Y.V. - Não adianta. É isso que eu digo, é muito interessante, eu repito muito: o conhecimento é empírico sempre, precede o conhecimento científico; depois o conhecimento científico vem e age sobre o conhecimento empírico comprovando o que o povo anteviu. Dizem que a voz do povo é a voz de Deus. Faz sentido. Água mole em pedra dura bate até que fura. Isso que é? É a ação do tônus para a manutenção do eixo correto do corpo. É melhor não fazer do ponto de vista para conservar a figura, não fazer atividade física alguma, mas o resto do dia estar esticado, do que fazer um vôlei, um basquete como todo mundo faz. Está cansado.

J.C. - Não tem mais um programa na televisão que passa essas informações para as pessoas, por exemplo. O ideal era ao invés de estar passando esses programas que não acrescentam em nada...

Y.V. - E outra coisa, Juliana, que eu chamo sempre atenção: a moça entra para casar, para ter filhos e tudo mais sem nenhum conhecimento que deveria ser obrigado, num curso de

economia de puericultura, até um curso de relacionamentos sexuais. Não é no sentido pornográfico, não, no sentido do trato sexual, no qual é importante o domínio da musculatura. Tem uma coisa: você vê quantas, naquele tempo eu ajudei a como pegar o bebê. O bebê tem uma cabeça desproporcional ao resto do corpo. Os músculos estão hipotônicos, não têm ainda. A mãe bota o filho no colo, a cabecinha da criança cai para trás. Ninguém diz a ela: “Cuidado com isso”. Por quê? A natureza não gasta esforço, se o ar pode entrar pela boca que é um cano grande, não vai entrar por dois furinhos. Então começa o ar entrar frio, cheio de impurezas, logo fazendo o ressecamento da saliva, congestionando traquéia e tudo mais. A narina não sendo usada traz logo adenóide, devido de septo. E o ar passando seco modifica o paladar. Às vezes uma criança na escola, de boca aberta, fica abobada pela própria deformidade que já tem, depois fica o queixo para trás, hoje em dia tem uma cirurgia, aquele artista muito conhecido, todo mundo sabe, mas então isso, se ensinasse à mãe, bota o filho para mamar, puxa a cabecinha para cá o corpo bota na cama, não deixa a boquinha aberta. Nunca teve de se prevenir. Tudo isso ia evitar um bocado de dinheiro que ia entrar, é dentista depois mais tarde, é operação isso e aquilo. Prevenir sairia muito barato. Consertar, curar é muito negócio, mas a televisão poderia ensinar, orientar. Pegar criança e colocar em andador, querer que a criança fique em pé logo cedo. Deixa engatilhar, deixa rastejar, deixa cumprir o que nós fomos, deixa passar por tudo. Mas não, essa orientação é que tinha que ser difundida, você não vê nada disso.

J.C. - Isso é culpa dessa sociedade capitalista que a gente vive.

Y.V. - Você vê hoje em dia isso. Você tem dois pés, há pessoas que tem cem pares de sapato, são tantos, consumo, consumo, tudo é descartável, o casamento é descartável, a moral, a amizade.

J.C. - Até os valores e os sentimentos.

Y.V. - Você tem a satisfação por si, saber que você é correta e honesta.

J.C. - Vamos ver mais alguma coisa... Ainda assim, naquela época se vinculava a idéia da mulher casada, ter filhos, ficar em casa.

Y.V. - É. Isso ainda era determinante. O homem era o que tinha que levar o javali para casa. Depois a vida foi se tornando tão difícil que um só levar dinheiro para casa não deu. Então começou a mulher no concurso da mulher. E nada na vida é completamente bom e completamente mau. Se foi bom por um lado foi mau pelo outro. Então os filhos estavam sendo entregues às babás, as pessoas de menos capacidade intelectual, de hábitos e higiene e tudo, entregues à televisão massificando com desenhos que são uma verdadeira atrocidade. Se por um lado foi bom a mulher entrar no mercado de trabalho, também teve o lado ruim. A reunião da família nas refeições. Nada disso. Cada um está comendo vendo o programa de televisão que querem e tudo mais. Quer dizer essa alteração é muito grande. Se teve benefício por um lado, também teve suas conseqüências. Isso não tenho a menor dúvida.

J.C. - Agora, antes de elas entrarem no mercado de trabalho, quando ainda eram criticadas, como a sociedade as via, porque nessa época mulheres como você, por exemplo, também te criticavam...

Y.V. - Aí como eu disse, as pessoas criticavam.

J.C. - Além do casamento...

Y.V. - O fato também de não ter feito negócio com o casamento. No casamento natural isso era coisa antiga, casa pelos interesses de família, para continuar o rendimento da casa nobre. Isso sempre foi assim. Naquele tempo 49, 48, agora a cada segundo, aqui tem essa revistinha, depois você pega uma porcaria daquela ali, depois você leva e passa o olho, vê o que é gasto em torno disso, é coisa inacreditável, não vale nem a pena comentar agora, mas depois você passa o olho e vai ver, quando a gente podia pensar, há uns tempos atrás, que você havia escrito esse negócio depois você vê vale a pena ler. Agora como eu estou dizendo a educação sexual, o ensino certo da musculatura para tirar o máximo de prazer, mas de uma forma fisiológica e não se vê. Agora as bobagens estão aqui, depois você leva para ler [apontou a revista]. Inclusive tem uma moça aqui extraordinária, mas é inacreditável, coisa mesmo de americano olha aqui. Vou ler, posso ler?

J.C. - Pode.



Y.V. - “Como conhecer uma bunda? O conservadorismo da era Bush tem assinado a criação de leis absurdas. Foi o que ocorreu no estado da Flórida. A nova medida determina que uma pessoa pode ser presa se mostrar mais de 2/3 da bunda, ou 3/4 dos seios”. O mais incrível são os detalhes da lei, que busca definir o que seja bunda ou seio considerando medida de distâncias. Não é uma coisa inacreditável? Aqui no Rio, prende a praia inteira, não havia como.

J.C. - Seria muita gente presa.

Y.V. - Mas você leva, dá uma espiada.

J.C. - Uma cultura meio inútil, mas vale a pena ver. E na época da Escola as aulas eram feitas com uniforme, como todos os professores?

Y.V. - Com uniforme. Eu parei aquela conversa, havia um segmento, se pegar a matéria anatomia, na cinesiologia, na fisiologia, havia uma seqüência, eu tenho aí caderno disso é uma beleza. O curso era dois anos, mas se aprendia muito mais do que nesses quatro anos de agora. Não tem nem comparação, nada, nada, nem na parte prática, não era isso. Aqui eu me lembro uma menina tinha acabado de entrar na escola de Educação Física, naquele tempo era Federal. Hoje, em cada esquina tem uma faculdade de Educação Física. Ela entrou aqui não sei qual foi que ela falou uma dessas. “Ah, dona Yara eu tenho que fazer prova”. Estava na Escola uns dois ou três meses. Disse: “O que é? “Eu tenho que fazer análise cinesiologia” do - como é que chama? Estou esquecendo o nome, do vôlei, para dar o saque?

J.C. - Manchete, saque, toque...

Y.V. - Manchete uma coisa dessa qualquer. Disse: “Minha filha, como você vai analisar um movimento complexo desses, não tem seqüência, não tem nada.

J.C. - Tem que aprender outras coisas antes, nome dos músculos, os movimentos.

Y.V. - Anatomia, fisiologia, e tudo mais para analisar um movimento complexo como esse. Eu vi, eu acompanhei. Minha neta fez o curso na Faculdade da Cidade. Não tem uma coerência, seqüência. Começa uma matéria pára no ano e depois recomeça dois anos depois. Aí já esqueceu o conhecimento rudimentar, crédito, crédito. Por isso, você está vendo quando fazem m exame aí qualquer, ficam horrorizados de ver o resultado dos vestibulares. Nem escrever as pessoas sabem. Escola pública era outra coisa.

J.C. - Hoje em dia parece que as crianças vão lá para comer, para ficar no espaço

Y.V. - É impressionante. Havia Educação Física nas escolas públicas, uma escola pública competia com a outra, era vôlei, era bola americana, pequenos jogos, havia movimento, do tempo no Villa Lobos, era uma coisa extraordinária, quer dizer havia um movimento, um entrosamento. Não tinha na família, tinha na escola. Hoje não tem nada disso. Em compensação, surgem outras coisas, você vê uma coisa que é bom a maquinazinha de calcular. Você vê que a gente já não sabe mais colocar uma parcela, fazer uma soma com quatro ou cinco parcelas, ninguém mais sabe isso.

J.C. - Cada vez se trabalha menos a cabeça, o raciocínio.

Y.V. - A razão do por quê as pessoas não entendem porque não aderi a esses aparelhos para ginástica. Se eu tenho meu sistema nervoso, capacidade de dar trabalho muscular variado, porque tenho que pegar o peso, que é para vencer a gravidade, se eu posso, sem o peso, dar a contração que eu quero? Em vez de pegar só o peso no meu antebraço, mentalmente eu coloco um peso na minha mão, cinco quilos, dez quilos ou até um que eu não posso. Eu, quando estou fazendo isso, estou comandando, enquanto se eu coloco o peso eu estou pensando: será que o Antônio hoje vem?, será que o dólar sei lá o quê?. Será que o Silveirinha vai pagar? Não gosto desse tipo de trabalho. O meu tipo de trabalho de aula eu uso os músculos de maneira diferente. Dou impulso, agüenta, agora sustenta. Empurra, você trabalha com a cabeça comandando. Eu perdi, porque a força da propaganda é de tal ordem que todo mundo só quer aparelho, aparelho.

J.C. - Se está na televisão, eles querem fazer como é, então vão procurar o lugar que..

Y.V. - Não querem saber. Eu sei, a escola caiu de uma maneira tremenda, porque eu não aderi a isso.

J.C. - Estou entendendo.

Y.V. - Eu não estou dizendo, uma vez brinquei com um professor que veio aqui de dança e disse: “Puxa, dona Yara, faça isso”. Eu digo: sabe uma coisa? Se eu colocar minha inteligência para funcionar e o meu caráter de lado eu sei que tapeava todo mundo. Agora, o tempo em que estava em evidência, Yara parou um mês. Yara teve uma revelação: ela vai receber uma orientação “Kshua”. Passava um mês escondida no quintal, voltava e dizia: “Eu vou dar a ginástica da lua”. O que é isso? Na lua cheia são movimentos amplos de dentro para fora. Você passa os sete dias da lua cheia com movimentos amplos de pernas e braços. Na lua nova, com os movimentos todos para dentro. No quarto crescente, lado direito; no quarto minguante é a ginástica da lua, passa o mês assim. Era só endeusar isso com palavras como andam fazendo por aí, a “diet” do não sei o que, uma porção de dietas, a ginástica. Qualquer coisa que você bote a palavra, saiba verbalizar, a pessoa não tem o hábito de ler, contando ué, mas ela disse isso? As pessoas não analisam.

J.C. - Só aceitam, aceitam como tudo é colocado.

Y.V. - Então se tiver grife, qualquer besteira, se for de uma pessoa importante, acabou.

J.C. - Está certo. E as aulas, eram separadas pelo menos a parte prática?

Y.V. - A parte prática era de homem e de mulher.

J.C. - Os homens não podiam ver as mulheres de maiô, de jeito nenhum?

Y.V. - Não, não, não havia tanta coisa desse tipo, não. As aulas de natação com a Maria Lenk eram de maiô. A gente ficava por ali de roupa de ginástica, de calção tudo mais, já não havia tanta coisa assim. A parte teórica era comum e a parte prática era separado. Havia atividades que só os homens faziam e outras que só mulher faziam.

J.C. - Tinha uma disciplina que era o jiu-jitsu, as mulheres faziam também?

Y.V. - Faziam. Era a Dorinha a professora.

J.C. - Quem me falou isso foi a Margarida. Nossa, as mulheres faziam jiu-jitsu!

Y.V. - Faziam.

J.C. - Achei muito interessante. E qual era o objetivo principal? Era para aprender a lutar, para se defender?

Y.V. - Para se defender com certeza.

J.C. - Mas defesa do quê, na rua? Porque hoje em dia a gente sabe, é porque tem assalto, mas antigamente não tinha.

Y.V. - De qualquer modo, esse tipo já existia, tinha assalto. A luta, o jiu-jitsu fazia parte do curso.

J.C. - E os homens também faziam?

Y.V. - Faziam. Agora, aparelhos, por exemplo, eu me lembro, barra e coisa, só os homens.

J.C. - E dança era só as mulheres?

Y.V. - Dança era. Depois a Helenita começou, mas não vingava, não fazia parte da aula, não. A parte prática era separada, não havia nunca aula junto.

J.C. - E o convívio social naquela época? Existiam as festas os namoros? Como você já estava casada, não participava muito.

Y.V. - É. Nunca participei de nada disso. Como também só tomei conhecimento depois de ter saído que havia problemas de mulher com mulher.

J.C. - Não participou disso, não vivia esse momento.

Y.V. - Eu também não vejo as coisas como todo mundo vê.

J.C. - Com maldade.e nessa época o cinema estava crescendo bastante

Y.V. - O cinema já estava, a televisão não tinha.

J.C. - Já influenciava?

Y.V. - O cinema, já. Olha, a aula de capoeira, já vai começar. Hoje minha neta deve vir assistir a você e a outra aluna [conversa com o professor de capoeira].

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

J.C. - Queria que a senhora tentasse lembrar de alguma coisa que marcou nesse momento na Escola, uma positiva e uma coisa negativa que tenha ficado.

Y.V. - Como eu disse a você, não tenho muita capacidade, o que eu não gosto vou jogar fora, esquecer. O que eu posso dizer é o seguinte: naquele tempo foi a segunda turma da Educação Física, naquele tempo era da linha de dois anos, quem se colocasse em primeiro lugar ficava como professora de Educação Física. Eu tenho a certidão, posso em algum momento te mostrar, passado por eles. Eu tirei primeiro lugar em todas as matérias práticas e teóricas, então automaticamente teria que ficar lá. Mas eu não quis logo de saída. Por quê? Aula de Educação Física era feita pela catedrática e a professora aplicava aquela aula. A Juliana ditava e a Yara tinha que fazer aquela aula. Não queria, porque, já quando estava fazendo o curso de Educação Física, já tinha sido motivo de grande debate, porque acabava a aula deles e eu entrava em outra movimentação. O Método Francês que era o que imperava na Escola de Educação Física, era movimento muscular positivo, movimento muscular negativo. Todo trabalho levado nesse tipo de contração, de modo que quando acabava a aula de Educação Física, eu sentia falta da ginástica que fazia, que era um balanceio, uma coisa mais dinâmica, e aquilo era um escândalo para eles. Me fizeram ir ao professor de cinesiologia, que era um cientista, Álvaro de Moraes, me fizeram fazer a

ginástica que eu queria e perguntar se estava dentro dos princípios do Método Francês. “Perfeitamente, desde que ela siga a curva de intensidade”. Hoje não tem nada disso. Era uma parábola da aula, então dei aquele choque, aquela coisa e disse: “Não faço questão de ficar aqui”. Por outra parte, o mulheril de professoras, não tinha vontade alguma que eu entrasse, porque, realmente, e isso eu posso mostrar, a minha figura física ficava muito longe da delas. Não havia concorrência e o outro era aquele lado de que eu tinha feito questão de dizer que tinha um companheiro e que tinha casado só depois. Tudo isso foi um choque muito grande. Em contraposição, eles me indicaram para fazer um curso na América, eu teria direito ao curso na América. Acontece que esse curso na América eu não fiz, mas não fiz porque não quis. Estava casada há três anos, não ia largar meu marido aqui para fazer o curso lá, então eu é que não quis. Eu tenho fotografia aqui...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]<sup>1</sup>

Y.V. - Olha essa fotografia aqui [apontou para uma foto que estava no livro].

J.C. - Muito bonita!

Y.V. - Nesse tempo é que eu estava na Escola. A pele brilhava, um corpo liso.

J.C. - Bronzeada de sol.

Y.V. - Diferente dessa coisa partilhada de agora. Então eu disse, não faço questão, então eles me deram o curso para fazer na América, mas não aproveitei isso.

J.C. - No caso o momento em que estava vivendo.

Y.V. - Dona Medina, dona Medina, agora vai ter uma aulinha de capoeira. Você fica. [conversa com a sua secretária e solicita para encerrar a entrevista]

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>1</sup> Entrevistada levantou e foi até um armário para buscar uma foto.